

FORMAÇÃO DE JOVENS LEITORES NA ERA DIGITAL: REFLEXÕES SOBRE A ABORDAGEM DA LEITURA EM SALA DE AULA

Fabíola Da Costa Leite¹
Adriana de Jesus Scholtz²

RESUMO

Vivemos a era da cultura digital com a presença de tecnologias nas diversas práticas de linguagem, modificando o processo de leitura. Por esse motivo, influenciam a educação e não podem ser ignoradas, pois facilitam e estimulam a leitura dos alunos. O que se percebe é que jovens com faixa etária entre 12 a 18 anos já estão acostumados com o excesso de informações que chegam via computador, celular, laptop, entre outros meios eletrônicos. Esses dados, se utilizados de forma eficaz, podem facilitar, na sala de aula, a formação de um leitor crítico e analítico, ou dificultar e impedir que sejam realizadas leituras mais aprofundadas sobre determinados assuntos fazendo com que esses jovens se tornem leitores superficiais. Tomando tais considerações como ponto de partida, este estudo tem o objetivo de identificar a influência que a internet provoca nos hábitos de leitura dos jovens e investigar como o professor pode utilizá-las de forma favorável para estimular a leitura. Para tanto, sendo de cunho qualitativo, partimos da metodologia de pesquisa analítica e documental e a teoria que dá suporte às discussões advém de autores como Marcuschi (2004), Gadotti (2000), Lajolo (2011), Silva (2004) e Valente (1993; 1999).

Palavras-chave: Abordagem; Era digital; Jovens; Leitura.

ABSTRACT

We live in the era of digital culture with the presence of technologies in the various language practices, modifying the reading process. For this reason, they influence education and cannot be ignored, as they facilitate and encourage students to read. What is noticed is that young people aged between 12 and 18 are already used to the excess of information that comes via computer, cell phone, laptop, among other electronic means. These data, if used effectively, can facilitate, in the classroom, the formation of a critical and analytical reader, or hinder and prevent deeper readings on certain subjects, making these young people become superficial readers. Taking these considerations as a starting point, this study aims to identify the influence that the internet has on the reading habits of young people and investigate how teachers can use them in a favorable way to encourage reading. Therefore, being of a qualitative nature, we start from the analytical and documentary research methodology and the theory that supports the discussions comes from authors such as Marcuschi (2004), Gadotti (2000), Lajolo (2011), Silva (2004) and Valente (1993; 1999).

Keywords: Approach; Digital age; Young people; Reading.

1 Acadêmica do curso de Letras Português e suas Literaturas da Universidade Estadual do Centro-Oeste – Unicentro. E-mail: fabiola_bocasanta@hotmail.com

2 Graduada em Letras Português e suas Literaturas pela Unicentro, especialista em Estudos Linguísticos interfaces com Estudos Literários pela mesma universidade. Mestre em Estudos Linguísticos pela UFFS-Chapecó. Doutoranda em Linguagem e Sociedade pela Unioeste. E-mail: drischoltz@gmail.com

INTRODUÇÃO

A prática da leitura não está presente somente no âmbito escolar, ela faz parte do cotidiano do ser humano. Por isso, é preciso exercitar a prática na vivência diária, pois assim os jovens com faixa etária entre 12 a 18 anos podem se sentir interessados pelo hábito da leitura, sendo ela um dos requisitos básicos na aprendizagem dos alunos.

Entretanto, não é de hoje que um dos grandes desafios encontrados pelas escolas é adotar formas de ensino que estimulem os alunos a ler e, principalmente, tomar gosto por uma leitura mais crítica e aprofundada. Além disso, a sociedade contemporânea vive na era digital, onde as tecnologias estão presentes em praticamente tudo, principalmente em formas de leitura e escrita. Aliado a essa dificuldade, vemos, atualmente em sala de aula, o desinteresse da maioria dos jovens pela leitura onde, de acordo com Manata (2011) adolescentes acham normal não ler nenhum livro o ano inteiro ou apenas ler as bibliografias passadas no último ano do Ensino Médio, por se tratarem de leituras obrigatórias para o vestibular.

Tendo em conta tal realidade, cabe ao professor de Língua Portuguesa, segundo Bakhtin (1996), “propor um processo de interação entre o leitor, o texto e o autor, tal como a leitura interativa a concebe”, instigando, assim, o aluno a ler frequentemente, criando familiaridade com o mundo da escrita, pois desenvolve a imaginação, a criatividade e facilita na aquisição dos conhecimentos e valores.

Dessa forma, tomando tais considerações como ponto de partida, o objetivo principal desse trabalho é identificar a influência que a internet provoca nos hábitos de leitura dos jovens e investigar como o professor pode utilizá-la de forma favorável, em sala de aula, para estimular a leitura. Para tanto, os objetivos específicos são: a) analisar as formas de leitura mais realizadas pelo jovem leitor contemporâneo, buscando identificar os gostos dos adolescentes com faixa etária entre 12 a 18 anos; b) analisar o uso das ferramentas tecnológicas em sala de aula, c) compreender a importância do uso das novas tecnologias no ensino ligado à realidade social do aluno, mostrando que é possível haver desenvolvimento das capacidades intelectuais dos jovens, em face de tantas influências tecnológicas presentes na atualidade.

Para tanto, será realizada uma pesquisa de cunho qualitativo, partindo da metodologia de pesquisa analítica e documental. Segundo Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem interpretativa do mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem.

Seguindo essa linha de abordagem do tema, Vieira e Zouain (2005) afirmam que a pesquisa qualitativa atribui importância fundamental aos depoimentos dos atores sociais envolvidos, aos discursos e aos significados transmitidos por eles. Nesse sentido, esse tipo de pesquisa visa uma variedade de recortes na sua construção. Assim, serão utilizados: livros, artigos on-line, dissertações e sites acadêmicos, como uma forma de auxiliar e trazer uma discussão produtiva ao estudo.

Nesse sentido, o assunto não termina neste trabalho, muito pelo contrário, é apenas um subsídio para um aprofundamento temático que gere reflexões sobre o assunto do ensino e aprendizagem à leitura na Era Digital. É ainda um convite para futuras investigações e

aplicabilidade de novas técnicas e métodos de leitura em sala de aula, tendo como suporte a gama de ferramentas tecnológicas existentes.

Para embasar teoricamente este trabalho, serão utilizados autores como Marcuschi (2004), Gadotti (2000), Lajolo (2011), Silva (2004), Valente (1993 e 1999), entre outros.

FORMAS DE LEITURAS MAIS REALIZADAS PELO JOVEM LEITOR CONTEMPORÂNEO

Nos dias atuais, quando se fala em sociedade contemporânea, pensamos em uma época em que as redes sociais e os *smartphones* estão presentes na vida dos jovens, poderíamos nos questionar se ainda há espaço para o ensino da leitura de romances, poemas e textos mais extensos. Essa é a dificuldade que a maioria dos professores têm de convencer os alunos a realizar essas leituras, que eles chamam de “maçante”, leituras “difíceis”, pois estão acostumados a textos que são muito mais fluidos e com outra dinâmica, ou seja, textos mais objetivos e curtos (SILVA, 2004).

É possível perceber que, na maioria dos casos, a culpa do desinteresse do aluno em realizar essas leituras não é do professor, até porque existem textos que exigem uma atenção e dedicação maior por parte do leitor.

Outra dificuldade é a inserção do professor nesse novo âmbito tecnológico: a formação específica, a carga horária para se trabalhar o conteúdo de forma mais diversificada, a estrutura da escola que, muitas vezes, não condiz com a realidade do aluno.

Um outro parâmetro que deve ser levado em consideração é a falta de acesso à internet por uma parcela da sociedade brasileira, o que acaba aumentando a desigualdade social do país. Um exemplo claro disso é o período de pandemia de Covid-19 pelo qual estamos passando (2020/2021), que trouxe à tona a realidade de muitos alunos que não possuem acesso ao conteúdo on-line disponibilizado por grande parte das instituições escolares, o que prejudica o desempenho desses estudantes. Em contrapartida, é visível essa discrepância, se analisarmos famílias de classe média e alta, cujos filhos possuem seus próprios *smartphones* para jogarem, se divertirem e estudarem.

Esses dados podem ser conferidos na pesquisa TIC Kids online Brasil 2018, divulgados pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil, apontando que mais de 86% das crianças e adolescentes entre 9 e 17 anos têm acesso à rede de computadores. Essa média é maior do que a da população em geral, que gira em torno de 70%. Desses acessos, 93% são feitos via *smartphone*. De acordo com a pesquisa, vídeos, programas, filmes e séries são vistos por oito em cada dez crianças e adolescentes do país. 83% do total dos entrevistados utilizam os recursos multimídia da internet, 60% usam a internet para jogos e 82% para escutar música.

O que se percebe no Brasil é que, mesmo com a desigualdade de acesso às tecnologias causada pelo contraste econômico e social do país, a porcentagem de crianças e adolescentes que têm acesso à internet é relativamente significativa (VALENTE, 2009). Assim, não é de se negar a influência da internet e dos meios digitais na construção da formação de jovens leitores, tendo em vista a formação desses jovens ao longo dos anos.

Como menciona Lajolo (2011, p. 18):

Traduzindo a historicidade dessa noção de criança para o panorama da infância brasileira e dos livros a ela destinados, cumpre ao professor de Língua Portuguesa entender que a criança em quem Jansen pensava ao traduzir clássicos infantis para a editora Laemmert era diferente da criança para a qual Olavo Bilac compôs suas Poesias infantis; esta, por sua vez, não se confundia com a criança para a qual Monteiro Lobato criou o Sítio do Picapau Amarelo, e nenhuma delas, com a criança para a qual Francisco Marins escreveu a saga de Taquara-Poca, a qual também não se confunde com a criança que lê e se identifica com *O gênio do crime*, de João Carlos Marinho.

Nessa construção histórica de criança, chega-se no século 21 com jovens exigindo de seus educadores uma reinvenção, no sentido de novas formas de enxergarem o ensino da leitura e na forma com que se ministra suas aulas. À escola contemporânea, compete o papel de diminuir essa lacuna social aproximando os jovens que não têm acesso à internet.

Nesse contexto tecnológico em que os jovens estão inseridos, também não podemos deixar de levar em consideração a experiência de vida de cada estudante, pois a leitura não envolve apenas os elementos de linguagem presentes no texto, mas também a bagagem cultural do leitor.

Nesse sentido, Kleiman (1995, p. 13) salienta que:

A compressão de um texto é um processo que se caracteriza pela utilização de conhecimento prévio: o leitor utiliza na leitura o que ele já sabe, o conhecimento adquirido ao longo de sua vida. É através da interação de diversos níveis de conhecimento, como o conhecimento de mundo, que o leitor consegue construir o sentido do texto. E porque o leitor utiliza justamente diversos níveis de conhecimento que interagem entre si, a leitura é considerada um processo.

Assim, não se pode ignorar as Tecnologias de Informação Contemporâneas, pois elas têm recursos e elementos que facilitam e estimulam a leitura do estudante, sendo essas as leituras mais atrativas para os jovens atuais, que preferem uma leitura mais dinâmica e interativa. Para Reis (2009), a escola e as novas tecnologias têm que andar juntas de forma amigável com o intuito de formar cidadãos para a vida em sociedade.

Dessa forma, Reis (2009, p. 100) afirma:

A escola, como instituição de difusão de saberes e uma das responsáveis pela preparação do homem para a vida em sociedade, não pode caminhar à margem da evolução tecnológica, nem ignorar as transformações ocorridas na sociedade.

Dessa forma, cabe ao professor mediar e capacitar o aluno da melhor maneira para diferenciar uma boa leitura de uma leitura superficial, pois muitos jovens acabam por lerem apenas o que lhes interessam na internet, esquecendo da gama de livros, *e-book*, *podcasts* e artigos, além de outras ferramentas que podem auxiliá-los de forma mais crítica.

E à escola como formadora de cidadãos críticos e com responsabilidade de pensar, interpretar textos lidos, cabe proporcionar aos educandos o desenvolvimento, além da emancipação humana, através de conteúdos que possam direcionar os jovens no processo

construtivo e na sua auto formação.

O USO DAS FERRAMENTAS TECNOLÓGICAS EM SALA DE AULA

Na atualidade, são necessárias atualizações do formato com que a leitura é tratada em sala de aula, exigindo dedicação por parte de toda a comunidade escolar. Porém, nem sempre é fácil propor um diálogo sobre as novas tecnologias de informação. Em pleno século XXI, o assunto ainda é desafiador para algumas instituições que temem perder sua principal característica que é a de ensinar.

A escola não detém o monopólio do saber, ela orienta e organiza os conteúdos tendo em vista as características individuais e sociais que cada aluno traz para a sala de aula, buscando sempre soluções para a complexidade desse mundo (ZILBERMAN, 2006, p. 24). Nesse âmbito, o professor tem o papel principal da organização, que é mediar, conduzir e instigar o aluno ao gosto pela leitura.

Tendo em vista as mudanças tecnológicas que vêm ocorrendo ao longo dos anos, é fundamental repensar o ensino literário no ambiente escolar para, dessa forma, não perder bons leitores durante a formação escolar. A inserção do professor no mundo virtual possibilita aos adolescentes alternativas inovadoras que despertem o gosto pela leitura entre esses jovens com faixa etária entre 12 a 18 anos, facilita a abordagem e envolve o aluno na aula. Nesse sentido, o desenvolvimento de uma atividade pensada e elaborada para esse leitor tecnológico facilita a aproximação entre o professor e o aluno.

Como Silva (2004, p. 28) acrescenta:

As práticas de leitura escolar não nascem do acaso nem do autoritarismo ao nível da tarefa, mas sim de uma outra programação envolvendo e devidamente planejada, que incorpore, no seu projeto de execução, as necessidades, as inquietudes e os desejos de alunos leitores. Simplesmente mandar o aluno ler é bem diferente do que envolvê-lo significativamente e democraticamente nas situações de leitura, a partir de temas culminantes.

A partir dessas considerações do autor, são necessárias inovações do educador, na forma como aborda suas aulas. As aulas ministradas devem levar em consideração o contexto escolar no qual o aluno está inserido, onde sejam criadas alternativas de interesse e gosto pela leitura. Escola e educadores precisam e devem se preparar para as mudanças sofridas ao longo dos anos, se não, estão sujeitos a parar no tempo conforme relata o autor Valente:

A mudança da função do computador como meio educacional acontece juntamente com um questionamento da função da escola e do papel do professor. A verdadeira função do aparato educacional não deve ser a de criar condições de aprendizagem. Isso significa que o professor precisa deixar de ser o repassador de conhecimento – o computador pode fazer isso e o faz muito mais eficientemente do que o professor – e passa a ser o criador de ambientes de aprendizagem e o facilitador do processo de desenvolvimento intelectual do aluno (VALENTE, 1993, p. 6).

Dessa forma, crianças e jovens necessitam de novas metodologias que as estimulem a pensar e que estabeleçam a interação em sala de aula. Hoje, a internet proporciona essa possibilidade, pois a tecnologia motiva os alunos a pesquisarem e a descobrirem novida-

des nesse mundo virtual, oportunizando leituras diferentes, abrindo horizontes de conhecimento entre esses jovens ansiosos por novidades e levando-os a interpretações críticas a respeito de leituras on-line.

Essa prática deve se afastar cada vez mais das aulas ministradas antigamente, pois é preciso instigar a participação e interação dos alunos para que possam questionar, expor suas opiniões sobre diversos assuntos pautados pelo educador. Como menciona Lajolo (2011): “De Bilac para nossos dias mudaram bastante os conteúdos educativos pelos quais a escola se responsabiliza”.

A forma com que o educador aborda seus alunos, propondo-lhes um texto, reflete na maneira como esse aluno vai enxergar a leitura em sua vida profissional e social. Muitos bons leitores se perdem pelo caminho escolar justamente pela forma com que o professor abordou a questão da leitura.

A esse respeito, Lajolo (2011, p. 51) afirma:

Entre as atividades hoje mais frequentes sugeridas para despertar e desenvolver o gosto (quase sempre chamado hábito) pela leitura, encontram-se a transformação do texto narrativo em roteiro-teatral e subsequente encenação; a reprodução, em cartazes ou desenhos, do tema da história ou de personagens do livro; a criação, a partir de sucata, de objetos ou colagens de alguma forma relacionados à história; as pesquisas que aprofundam algum tópico que o texto aborda; o prosseguimento da história, sua reescrita com alteração do ponto de vista; entrevista (real ou simulada) com o autor ou personagens do livro; jogral ou coro falado quando se trata de poemas; e tantas outras.

Conforme pode ser observado a partir das considerações de Lajolo (2011), essas são as atividades mais rotineiras e que são aplicadas pelos professores no dia a dia, trazendo, às vezes, uma linguagem diferente, mas, geralmente, com a mesma metodologia de ensino. Por isso, é preciso cautela na forma como são desenvolvidas as atividades no processo de ensino-aprendizagem escolar. Ainda, não se pode generalizar e nem discriminar a forma com que são ministradas as aulas, muitas vezes, os professores se aventuram pelo laboratório de informática da escola, propondo atividades para aproximar os alunos da leitura de uma forma mais lúdica.

No entanto, algumas questões não competem somente ao educador, em muitos casos, a escola não possibilita condições para o professor atuar de forma mais democrática, pela falta de infraestrutura escolar e aderência a essas novas tecnologias por parte da equipe pedagógica.

O educador tem um papel importantíssimo na formação do jovem leitor, principalmente hoje que a internet possibilita novas formas de comunicação e acesso à informação. Assim, de acordo com Gadotti (2000), seja qual for a perspectiva que a educação contemporânea tomar, uma educação voltada para o futuro será sempre uma educação contestadora, superadora dos limites pelo Estado e pelo mercado, criando uma visão mais utópica a respeito da educação mais voltada ao humanismo, que possa transformar socialmente e culturalmente a sociedade no futuro. E nesse processo, o educador tem papel principal como mediador de conhecimento.

Ainda de acordo com Gadotti (2000, p. 9):

Os educadores, numa visão emancipadora, não só transformam a informação em conhecimento e em consciência crítica, mas também formam pessoas. Diante dos falsos pregadores da palavra, dos marketeiros, eles são os verdadeiros “amantes da sabedoria”, os filósofos de que nos falava Sócrates. Eles fazem fluir o saber (não o dado, a informação e o puro conhecimento), porque constroem sentido para a vida das pessoas e para a humanidade e buscam, juntos, um mundo mais justo, mas produtivo e mais saudável para todos. Por isso eles são imprescindíveis.

Contudo, é preciso que professores e escola rompam com suas práticas arcaicas de ensino que ainda colocam o professor como mero transmissor de conhecimentos e que fazem uso apenas dos recursos físicos disponibilizados em sala de aula como, por exemplo, o quadro negro e livro didático e passem a considerar que o docente pode assumir o papel de mediador de conhecimentos fazendo uso de diversos meios de ensino, inclusive das ferramentas tecnológicas que estão disponíveis atualmente, para assim formar cidadãos com mais discernimento em relação ao conhecimento, até porque a partir do momento que o educador assume um papel de mediador de conhecimento ele está disposto a evoluir com os novos padrões de ensino, tornando-se plural para se ajustar aos novos avanços tecnológicos.

A IMPORTÂNCIA DO USO DAS NOVAS TECNOLOGIAS NO ENSINO LIGADO À REALIDADE SOCIAL DO ALUNO

Devido à inserção de uma rotina tecnológica no cotidiano das pessoas, faz-se necessária uma atenção especial para a cultura de letramento de jovens no ambiente escolar voltada às novas tecnologias. É inevitável reconhecer que o surgimento de novas tecnologias na vida tem trazido avanços em diferentes setores da sociedade (MARCUSCHI, 2004).

Pensar o papel que as novas tecnologias representam na educação é um avanço, porém, educar utilizando recursos tecnológicos é desafiador para todos nós da comunidade escolar. Infelizmente, ainda tem sido encarado de forma irrelevante, apenas com algumas modificações não muito significativas na rotina pedagógica. A grande questão é que o uso das tecnologias de informação implica novas formas de ensinar e aprender, auxiliando o professor e abrindo oportunidades para seus alunos, o que provoca mudanças na forma de analisar a educação (VALENTE, 1999).

Nesse sentido, Valente (1999, p. 24-25) destaca:

No entanto, o computador pode enriquecer ambientes de aprendizagem onde o aluno, interagindo com os objetos desse ambiente, tem chance de construir o seu conhecimento. Nesse caso, o conhecimento não é passado para o aluno. O aluno não é mais instruído, ensinado, mas é o construtor do seu próprio conhecimento. Esse é o paradigma construcionista onde a ênfase está na aprendizagem ao invés de estar no ensino; na construção do conhecimento e não na instrução.

A concepção abordada pelo autor chega para encarar como o paradigma da escola conservadora, onde apenas o professor é o mentor do conhecimento, ou seja, com a popularização do computador e de todo o aparato tecnológico que estão presentes na vida cotidiana, faz com que o educador se torne o mediador de sua prática adquirindo novas

formas de ministrar suas aulas.

Assim, o principal papel da escola é proporcionar aos seus educandos um ambiente adequado, com equipamentos e informações de qualidade, dando suporte aos professores. Dessa maneira, as tecnologias chegam para todos de forma plural. Como foi mencionado, muitos alunos em pleno século 21 ainda não têm uma educação de qualidade devido à falta de acesso às informações que as novas tecnologias proporcionam. Assim, a internet é importante nessa geração de leitores, a fim de capacitar o mais rápido possível os alunos a viverem como verdadeiros cidadãos neste novo milênio cada vez mais digital (MARCUSCHI e XAVIER, 2004).

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2018 a internet era utilizada em 79,1% residências brasileiras, olhando de fora parece uma porcentagem grande, porém para um país como o Brasil, que possui aproximadamente 200 milhões de habitantes, significa que milhões de pessoas não têm acesso a internet no nosso país. Sendo essa uma ferramenta indispensável nos dias atuais, para estudo, pesquisas, entre outras formas de utilização.

Assim, a comunidade escolar precisa proporcionar, de forma igualitária, conhecimento para todos, tomando consciência de que a educação precisa se aproximar da realidade do aluno, adaptando pedagogicamente conforme a sociedade em constante mudança em que se vive.

Para Gadotti (2000, p. 8):

Na sociedade da informação, a escola deve servir de bússola para navegar nesse mar do conhecimento, superando a visão utilitarista de só oferecer informações “úteis” para a competitividade, para obter resultados. Deve oferecer uma formação geral na direção de uma educação integral. O que significa servir de bússola? Significa orientar criticamente, sobretudo as crianças e jovens, na busca de uma informação que os faça crescer e não embrutecer.

Aliar o conhecimento a essas novas tecnologias faz com que o adolescente se identifique, pois seu mundo, atualmente, gira em torno da rede on-line. Assim, trazer a internet como uma ferramenta para agregar conhecimento é de suma importância para todos diante do contexto em que vivemos.

Uma das formas para aproximar os jovens leitores à leitura digital é possibilitar o uso de recursos tecnológicos para prender a atenção dos educandos. Marcuschi e Xavier (2004) salientam que os dispositivos de informática possibilitam a criação de formas sociais e comunicativas inovadoras que só nascem pelo uso intenso das novas tecnologias.

A utilização desses recursos tem como intuito a formação de cidadãos capazes de selecionar o que é de interesse para sua formação acadêmica e social. Classificando as leituras digitais importantes das mais desnecessárias para seu desenvolvimento.

Como salienta Lajolo (2011, p. 75):

O ato de ler foi tal de forma se afastando da prática individual que a tarefa que hoje se solicita de profissionais da leitura, como professores, bibliotecários e ani-

madores culturais é exorcizar o risco da alienação, muito embora eles possam acabar constituindo elo a mais na longa e agora inevitável cadeia de medidores que se interpõem entre leitor e o significado do texto.

Essa alienação à qual a autora se refere tem a ver com o fato de a maioria dos jovens dedicarem seu tempo na internet às redes sociais. Deixando de lado o que realmente importa para sua geração, alienando-se com informações desnecessárias. Assim, é preciso o posicionamento por parte dos educadores, pois a maioria dos alunos desconhecem o uso educacional desses recursos tecnológicos.

Mendes (2007, p. 71) afirma, que:

No século XXI a educação continua tendo o objetivo de desenvolver o homem em sua pluridimensionalidade, mas essa tarefa exige novas metodologias. A escola do futuro ultrapassa as barreiras físicas, ela pode estar e funcionar em qualquer local. As informações não ficam restritas aos livros, podendo ser encontrada numa rede de colaboração, usando a internet como meio para socializá-la, possibilitando a visita em museus, cidades e bibliotecas do mundo todo. As vantagens de utilizar a informática na educação geram otimismo, pois os conhecimentos serão socializados a custos baixos.

Dessa forma, a escola não deve ser omissa às novas tecnologias, porém, é preciso cautela para não formar leitores superficiais, que são aqueles leitores que apenas olham para o texto e tiram somente a ideia principal, sem se aprofundar no conteúdo lido. Conforme Martins (1994), toda e qualquer leitura só é válida se o leitor conseguir apreender o que foi lido e for capaz de correlacionar o seu conteúdo ao seu universo. Ou seja, é muito importante a formação de leitores completos, com habilidades de leitura de qualquer texto posto à sua frente, questionando, discutindo e criticando sua leitura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se pensa em educar os jovens para que gostem de livros, surgem reflexões que interpelam as formas com as quais se pode despertar esse interesse em um mundo com tantas distrações tecnológicas, onde a “Era Smartphone” impera entre os mais jovens. O trabalho não é fácil, exige do profissional da educação muito empenho e dedicação. Muitas vezes, nos sentimos acuados em meio a tantas transformações, nos culpando pelo fracasso de leitura em sala de aula. Queremos tirar “uma carta na manga” com uma técnica milagrosa de bom convívio de nossos alunos com os textos que propomos a eles lerem em sala.

Todavia, esquecemos que essa prática só se concretiza com o tempo, está ligada, também, à forma e maneira com que abordamos esse tema no ambiente escolar.

A expressão “se não pode com eles, junte-se a eles” caberia perfeitamente nessa parábola. Os recursos digitais e tecnológicos disponíveis atualmente são inúmeros. A facilidade de comunicação também. Temos acesso a muitos materiais de pesquisas; muitas informações, o leque de bagagem informativa é grande; cabendo a nós a atualização das aulas, para que assim possamos aliar o passado com o presente, e o presente com o futuro.

Por meio de pesquisa qualitativa bibliográfica, que tinha como objetivo principal analisar a influência que a internet provoca nos hábitos de leitura e investigar como o

professor pode utilizá-las em sala de aula para estimular a leitura podemos concluir que:

a) As leituras mais atrativas para os jovens atuais são as leituras digitais, pois eles preferem uma leitura mais dinâmica e interativa, por possuírem recursos e elementos que facilitam e estimulam a leitura desses adolescentes, como afirmaram os autores Gadotti (2000) e Valente (1999).

b) O leitor de hoje está cercado de outras formas de leitura, que vão além de um livro, pois, na contemporaneidade, a internet proporciona novas possibilidades de comunicação e acesso à informação, além de novos meios de se adquirir conhecimento. Assim, o professor, como mentor desse processo de ensino, tem o dever de capacitar o aluno na melhor maneira possível para diferenciar uma boa leitura de uma leitura superficial, ou seja, formar cidadãos que saibam interpretar suas leituras.

c) Aliar tecnologia e educação é o caminho mais certo a se tomar nesse momento, tendo em vista o crescente número de adolescentes entre 12 e 18 anos com acesso à internet, pois essa combinação estimula o conhecimento e a curiosidade desses alunos e, conseqüentemente, desenvolve a imaginação e a criatividade.

Despertar o desejo por leituras literárias entre jovens de 12 a 18 anos é fundamental para a constituição de uma sociedade mais esclarecida, com cidadãos críticos e pensantes. Não importa de que forma que vão ler, o importante é que leiam, seja um livro, um e-book ou blog de seu interesse. É necessário quebrar o paradigma de que as leituras de internet são só superficiais, olhando para essa tecnologia como uma ferramenta de pesquisa e apoio para despertar o interesse desses jovens para as leituras mais clássicas: um romance, um conto, entre outras. Portanto, esta pesquisa qualitativa bibliográfica não termina aqui, tendo em vista o número crescente de jovens que estão, cada vez mais, conectados ao mundo das tecnologias.

Dessa forma, o que se pode inferir, por meio deste estudo, é que, apesar de ser uma tarefa complexa e que envolve diversos fatores, é possível instigar e fazer com que os jovens leiam por prazer, sem serem aquelas leituras superficiais aos quais estão acostumados. Leituras que vão desde um verso no Facebook a um livro de Shakespeare ou uma poesia de Paulo Leminski, leitura que agrega valores aos jovens, fazendo com que eles se tornem participativos e críticos, esse é o grande propósito para os professores.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais no método sociológico na ciência da linguagem**. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

GADOTTI, M. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 2000

KLEIMAN, Â. **Texto e Leitor: Aspectos Cognitivos da Leitura**. Campinas, SP: Pontes, 1995.

LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 1.ed. - São Paulo: Ática, 2011.

MANATA, E. F. **Atitudes dos jovens face à leitura e a si próprios: um estudo com alunos do 7.º**

e 9.ºano. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de Lisboa, Lisboa, 2011.

MARCUSCHI, L. E XAVIER, A. C (org.). **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção do sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p.13-67.

MARCUSCHI, L. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: **Hipertexto e Gêneros Digitais**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2004.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19. ed. São Paulo: Brasilense, 1994.

MENDES, F. R. **Tecnologia e Construção de Conhecimento na sociedade da informação**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007. 86f.

REIS, T. S. **Avaliação de um programa suplementar para o ensino de leitura e escrita aplicado em ambiente escolar**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação Especial). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

SILVA, E. T. **A produção de leitura na escola, pesquisas e propostas**. São Paulo: Ática, 2004.

Tic Kids Online Brasil. **Pesquisa**. Disponível no link: <https://cetic.br/pesquisa/kids-online/> Acesso dia 23 de junho de 2020, às 21:00 horas.

VALENTE, J. A. Por que o Computador na Educação? In VALENTE, J. A. (Org.) **Computadores e conhecimento**: repensando a educação. Campinas: Gráfica da Unicamp, 1993, p.24-44. , Disponível em: <http://edutec.net> Acesso em 20 jul. 2020.

VALENTE, J. A. Informática na educação. **Revista Pátio**, ano 3., n. 09. Porto Alegre, maio/jul, 1999.

VIEIRA, M. M. F. e ZOUAIN, D. M. **Pesquisa qualitativa em administração**: teoria e prática. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ZILBERMAN, R. **Leituras**. 2006. Ed. Carlos Neri e Eduardo Trindade / Estação Gráfica acesso em 23 julho 2020. <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/2006/leituras1.pdf>